A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA E O ATUAL PROCESSO HISTÓRICO

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

Vivemos o presente mas não o compreendemos, escreveu Theodor Mommsen, e só quando a própria vida poderosa se aquieta é que começa a história. A relação entre o processo histórico — unidade indivisível do passado, presente e futuro — e a historiografia não parece bem definida nesta sentença, pois esta última é sempre um reflexo da primeira. Cabe a cada geração fornecer uma visão real adequada do mundo, seja como Natureza, seja como História. A tarefa importante consiste em orientar-se por esta finalidade mais alta, a iluminação da existência, ou, ainda, a determinação especial do presente. A História ajuda a compreender o presente, fugitivo, rápido, instantâneo, quando comparado à eternidade do processo histórico global.

Como disse, recentemente, Geoffrey Barraclough, a questão final consiste em saber e esclarecer o que o historiador deve oferecer à sua própria geração, pois sua voz deve atingir a nação e não ficar circunscrita aos próprios historiadores profissionais. A relação entre a História, como processo vital, sócio-cultural, e o escrito histórico, como compreensão da vivência e da mudança das formas dêsse mesmo processo já vivido ou ainda vivo, é tão íntima, que só uma perversão de sua finalidade permitiu que se abandonasse a descrição *in statu nescendi* e sòmente se fizesse à reconstrução *post mortem*. Não era preciso esperar que o acontecimento chegasse ao ponto de repouso, fugaz ou eterno, para que o escrito histórico fôsse concebido. A História não é uma antologia macabra da morte da creatividade, nem um museu de antigüidades; ela é o palco da mais renhida exibição e esconderijo das virtudes e dos pecados da gente humana.

A história não é dos mortos, mas dos vivos, como uma [illegible] presente, obrigatória para a consciência. Por isso ela não [illegible] à vida. Mas, infelizmente, a história pela história, indiferente [illegible] impulsos e estímulos da vida, acumulação morta de materiais, quando não coleção factual de nomes e datas, tem dominado o escrito histórico e conduzido a uma crise do pensamento histórico. A crise está não sòmente na especialização, que aprofunda cada vez mais o poço escuro da particularização e singularidade dos fatos, como na audiência à sua voz, que se delimita a círculos profissionais, como ainda em não atender aos apelos do presente, para que não se mostre desatenta à atualidade. Durante a crise é difícil dizer-se se ela se liga a uma insatisfação objetiva — as destruições do especialismo, a deficiência de sínteses integradas e a insuficiência de teoria — ou a uma falha subjetiva [illegible] a desatenção à problemática atual.

A maioria dos pensadores da história, como Othmar Anderle, [illegible] trata de uma crise objetiva, nos próprios fundamentos da disciplina, que precisa superar a fase puramente descritiva por uma história tratada teòricamente. Mas, ainda que se deva aguardar a teorização da disciplina para que novos horizontes a desenvolvam, é indispensável aproximação do presente e formular uma nova direção metodológica que permita a síntese e a generalização, que fizeram o sucesso da historiografia iluminista. Nunca a história influiu tanto e teve tantos leitores, pois ela era iluminada por uma visão filosófica, tinha um sentido e um significado, instruía e entretinha, interpretando os fatos com a teoria.

A arte da história consiste, assim, em manter sempre viva a conexão entre os que contemplam o passado e os que contemplam o presente. Foi a exigência da atualidade que levou Spengler e Toynbee à visão sintética, a uma espécie de Fronda histórica, que visa ao público e faz concessões de tôda espécie para chegar a um quadro conjunto do Mundo como História. Numa idade de bombas atômicas e teleguiados supersônicos, diz Toynbee, uma visão sinótica da História é uma das necessidades práticas presentes do mundo. (2)

A crise da historiografia atual está, como observou Othmar Anderle, em que ela não conseguiu ainda adaptar-se, em seus pontos de vista e métodos, às exigências surgidas em face de uma situação mundial modificada. A exigência de uma sinopse alia-se a uma posição pragmatista que era desconhecida da historiografia clássica. (3)

A modificação operou-se especialmente em 1945, [illegible] se deu a

1) "Theoretische Geschichte", [illegible]orische Zeitschrift, Feb. 1935, [illegible].
2) [illegible]Study of History: [illegible]s is for. How the Book took shape. London, 1934.
3) "Theoretische Geschichte", artigo cit., pág. 5.

volta da história, tão bem retratada por Geoffrey Barraclough em seu *History in a changing world*, pesquisando uma nova concepção histórica que nos sirva, e nos sirva bem, num mundo que mudou radicalmente e ainda está mudando. (4)

Esta é a situação da historiografia universal; ou ela volta de novo a olhar a floresta, e não apenas a árvore, oferecendo uma interpretação generalizadora que ajude os vivos a compreender as raízes do presente, ou então ela se afastará cada vez mais do grande público e se limitará ao círculo dos profissionais. Neste caso, se o historiador se esquece de que sua principal responsabilidade está na relação do seu assunto com as mais amplas questões da vida contemporânea, os amadores e propagandistas se apossarão de seu campo. Se seu objeto é conduzir sua audiência ao passado, ele não pode e não deve deixar de apresentar aos cidadãos do futuro uma visão do presente. Não pode deixar de ser sòmente o historiador, conversando com os historiadores, sem aquela ligação com o resto, com o ritmo dos povos, que parece atualmente o verdadeiro sentido da Historicidade.

Foi para a restauração dessa verdade simples, a ligação da História com o Presente, e não só o estudo do mundo contemporâneo exigida pela revolução do mundo desde a batalha de Stalingrado e a paz de 1945, que escrevemos para os leitores brasileiros o capítulo primeiro da *Teoria da História do Brasil*. (5) Os estudos posteriores de Barraclough e especialmente o reexame da situação do pensamento historiográfico por Othmar Anderle, em fevereiro deste ano, na grande revista alemã *Historische Zeitschrift*, só fizeram confirmar essa nossa convicção.

A crise da ciência histórica atual, disse Anderle, não é existencial, mas uma crise de desenvolvimento; as dificuldades que ela enfrenta são apenas as dores do parto que acompanham a formação da nova fase.

Mas, no Brasil, o ponto nevrálgico da crise não está apenas na progressiva especialização — que é de poucos — mas sobretudo na falta de relação entre o processo histórico e o pensamento historiográfico. Não se trata da inexistência de história contemporânea — cujo estudo deixamos aos historiadores franceses, americanos e soviéticos, mas da falta de resposta historiográfica aos apelos da história corrente. Se o especialismo estéril calou a voz do historiador europeu ou americano, que nem por isso deixou de iluminar, com sua monografia, o quadro

4) Os aspectos principais: significação dos períodos fecundos e dos estéreis; correlação entre os tempos históricos; a necessidade de generalização e síntese interpretativa pelos "scholars"; o perigo pragmático; o estudo comparativo das civilizações.

5) Companhia Editora Nacional, Brasiliana Giganta, 1957. 2 vols.

existencial contemporâneo, no Brasil — e penso que em tôdas as áreas do mundo subdesenvolvido, nem o especialismo, nem as poucas sínteses ousaram enfrentar os problemas e os temas que o processo histórico propunha. Lá, a voz dos historiadores não vem sendo ouvida amplamente pela nação, mas só pelos seus próprios colegas, embora ela tentasse exprimir largas investigações factuais que estudam as raízes históricas das complexidades presentes, por culpa do especialismo erudito que mata as sínteses integradas. Aqui a desarmonia é total. Continuamos a tocar uma música desafinada, porque só fazemos história pela história, isto é, os problemas e temas da historiografia são sempre, com pequenas variações, os mesmos, desde que ela se libertou, com Varnhagen, da tutela da historiografia portuguêsa e caiu nos braços dominadores do pensamento francês.

Não se trata, como já acentuamos, do domínio da temática colonial, com prejuízo da história imperial e republicana, pois aquela pode oferecer igualmente uma resposta aos desafios presentes. Tocam-se tanto os mesmos discos que certas vêzes êles soam como sanfonas. As críticas à especialização fundam-se numa posição pragmatista. Não se quer mais ver a disciplina como um fim em si mesma. Haverá sempre a investigação desinteressada e a síntese pragmática ou não, mas acessível a todos. Se a primeira não pode responder aos problemas atuais, cabe aos segundos impedir que seus resultados fiquem circunscritos aos especialistas.

No Brasil, porém, com pouca investigação autêntica e profunda, que servisse de base às sínteses generalizadoras e acessíveis, falta ainda a adequada correspondência entre os tempos históricos, especialmente os mais significativos para a compreensão do presente e a conseqüente iluminação do passado. O passado esclarece o presente, o presente revela o passado.

A nossa historiografia arcaica repete-se sem cansaço e sem conqüência, apesar da historiografia nova, expressão da nossa vida e da nossa história, que se inicia com Capistrano de Abreu, Paulo Prado e José Maria dos Santos e com as investigações e interpretações histórico-sociais de Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.

A Revolução de 1930, as modificações da estrutura econômica e social e a disputa do poder pela classe média provocaram uma fórmidável cognição nacional. Nunca em nossa historiografia pretendeu a história servir tanto ao presente, como um pouco antes e logo depois da Revolução de 1930. Fundaram-se coleções especiais de estudos brasileiros, como a Brasiliana, em 1931, e os Documentos Brasileiros, em 1936. A Brasiliana pretendia ser "a mais vasta e completa coleção e sistematização, que se tentou até hoje, de estudos brasileiros". Ela se comporia de ensaios sôbre a formação histórica e social do Brasil; de

estudos e figuras nacionais e de problemas brasileiros, históricos, geográficos, etnológicos, políticos e econômicos. Ao comemorar o seu centésimo volume, a Brasiliana se considerava como "a maior obra de cultura nacionalista no Brasil" e Anísio Teixeira, com a fôrça de sua extraordinária opinião pedagógica e a agudeza de sua inteligência, não enamorada da perspectiva histórica, escreveria que a "Brasiliana vem descobrindo o Brasil àqueles próprios que mais o julgavam conhecer. É o Brasil a se mostrar, a dizer o que foi e o que é, o Brasil a se formular, a se tornar consciente, a ter, por conseguinte, verdadeira existência. Fala-se numa Enciclopédia Brasileira. Pois, no momento, a Enciclopédia Brasileira possível é a coleção Brasiliana. O seu centésimo volume que está a sair (hoje são 304 vols.) devia ser comemorado em todo o País. De todos os sinais do crescimento brasileiro, é um dos mais significativos e dos mais importantes". (6)

Assim também, quando se lançava o primeiro volume da coleção Documentos Brasileiros, Gilberto Freyre escrevia, no prefácio, que "a série que hoje se inicia com o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda, Raízes do Brasil, vem trazer ao movimento intelectual que agita o nosso País a ânsia de introspecção social que é um dos traços mais vivos da nova inteligência brasileira, uma variedade de material, em grande parte ainda virgem". E, acrescentava: "É com o fim de procurar revelar material tão rico e de um valor tão evidente para a compreensão e a interpretação do nosso passado, dos nossos antecedentes, da nossa vida em seus aspectos atuais mais significativos, que aparece esta coleção."

Outras editôras procuraram também organizar coleções dedicadas a estudar històricamente os problemas brasileiros, tais como a Biblioteca Histórica Brasileira, exclusivamente interessada na tradução de viajantes estrangeiros, a Companhia Melhoramentos, com suas reedições de obras clássicas da historiografia, e a Editôra Progresso, da Bahia, afora iniciativas isoladas de editôras comerciais e a publicação oficial de instituições públicas federais e estaduais. Mas nenhuma destas alcançou a reputação nacional e internacional da Brasiliana e dos Documentos Brasileiros (99 volumes), esta desde o 19º volume, em 1939, dirigida por Otávio Tarquínio de Souza.

Na verdade, tais coleções apareciam como literatura histórica interessada, visando a aproveitar aquêle momento de crise após 1930, para operar, à luz do conhecimento histórico, transformações morais, sociais e ideológicas. O presente queria figurar nestas coleções históricas que tinham por tema central mais o Brasil que o brasileiro. As duas séries de estudos trouxeram uma contribuição sem paralelo ao conhecimento

6) Catálogo comemorativo de 100º volume. Companhia Editôra Nacional, 1938, pág. 13.

do Brasil, mas, pouco a pouco, foram [illegible] ao gôsto e ao estilo da historiografia clássica brasileira e fazendo [illegible]ria pela história e desfazendo a crença nas suas potencialidades, [illegible] dos tempos de 1930, como instrumento de apreciação do presente pela compreensão do passado. O resultado que se pretendia era despertar uma nova consciência da experiência humana no Brasil, uma apreciação mais sutil e aguda das sombras da realidade passada na realidade presente, uma compreensão mais completa da impressionante variedade do esfôrço e da realização do povo e das minorias dirigentes no Brasil.

Uma coleção dessa natureza tinha o dever de provocar um pensamento mais pragmatista, em que o presente, com seus problemas e temas, fôsse o foco em que se projetasse a luz do passado. A voz silenciosa da história tinha que se tornar também uma voz da nação, que fôsse por todos ouvida e meditada. Mas o que se viu não foi isso. A história historizante, a história puramente descritiva, a história clássica, como um relógio de repetição, assaltou e dominou as coleções que, em sua grande parte, passaram a debater os mesmos problemas e a discutir as mesmas teses, apenas porque o especialismo erudito descobrira mais uma miúda novidade ou uma palavra diferente da mesma personagem. E as coleções tornaram-se históricos [illegible]tivas, especialistas, eruditas, desvirtuando-se a finalidade primi[illegible]

Dêste modo, os dois objetivos não ficaram perfei[illegible]dos. A coleção histórica erudita é um bem para a [illegible] é a coleção de estudos brasileiros, que enfrenta para os [illegible]râneos os desafios que o presente espera sejam esclarecidos p[illegible] Isto não significa que se deva estudar apenas história con[illegible], pois esta não se confunde com a atualidade dos temas histó[illegible] Significa, isto sim, que devemos, ao lado dos estudos desinteressados, cuidar de esclarecer os fundamentos históricos do presente, para que não haja distonia entre o período histórico presente e a historiografia contemporânea, entre o processo atual e o pensamento histórico. Daí a nota de desencanto e de desconfiança que caracteriza a atitude de inúmeros estudiosos em relação aos resultados apresentados pela moderna historiografia brasileira, nesta massa, nem sempre digerível, da imensa produção bibliográfica insignificante.

O entusiasmo da década de 1930, que atraiu para a história generosos espíritos, que hoje dela se afastaram, ou a cultivam de raro em raro, foi substituído pelo ceticismo em face dos resultados práticos obtidos. Nem se diga que foi a ditadura de 1937 a 1945 que forçou a fuga à história, pela impossibilidade de construir o presente, dominado por fôrças inarredáveis. A tentativa de renovação historiográfica começara antes. É que a historiografia brasileira não soube conservar renovando, isto é, prosseguir seus estudos nos moldes clássicos e progredir atendendo aos apelos da problemática e da temática nova que cor-

respondia a um Brasil [illegible]-arcaico, de que o movimento político de 1930 é um dos sinais [illegible]. Não soube a historiografia brasileira atender, como por exemplo a norte-americana, aos apelos do presente, estabelecendo uma [illegible] relação entre o processo histórico e o historiográfico, desde que Turner, em 1893, quis libertá-la das hipóteses européias, e revelou a peculiaridade de sua história, em face das condições do ambiente e do próprio processo histórico. E, assim, a historiografia americana desde então, ao lado da produção desinteressada, enfrentava as complexidades do presente, estudando os problemas e os temas que êste se encarregava de criar. E, ao mesmo tempo que se libertava das hipóteses européias, se isolava continentalmente até à hora em que seus interêsses nacionais chegassem a uma colocação histórico-universal dêsses mesmos problemas.

O interêsse pela história nacional não conduz necessàriamente a uma repulsa pelos problemas histórico-universais. Mas a ênfase é nacional, até que a abundância econômica e o poder mundial transformem o País em construtor e produtor de história universal. A introversão histórica não expele o exame histórico universal, mas despreza a sistemática visão européia da história nacional.

A historiografia brasileira teve seu grito de independência em relação aos excessos de europeísmo desde os primeiros ensaios de Capistrano de Abreu, quando mostrou os caminhos da interiorização histórica [illegible] brasileira, nos *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil,* (7) e [illegible] lapidares com que mostrou, nos *Capítulos da História Colonial* [illegible] que a história holandesa era apenas um episódio insignificante [illegible] da conquista do sertão. Seu discípulo Taunay continuou o [illegible] anti-europeu, reconstruindo com a *História Geral das Bandeiras Paulistas* (9) o mundo material e espiritual da fronteira conquistada pelos devassadores. E não só isto. Taunay, com sua *História do Café,* (10) trazida até os nossos dias, ousava fazer história contemporânea e revelar as origens históricas da nossa estrutura econômica. Poucos terão feito isso, não importando que sua obra seja um fruto do especialismo erudito, excessiva [illegible] análise documental, pouco reflexiva e muitíssimo pouco acessível ao leitor comum, ao grande público, desprezado pela história historizante.

Outros, como Oliveira Viana e Caio Prado Jr., terão melhor atendido aos apelos da compreensão do presente, pelas interpretações histórico-sociais, tão atuais, embora divergentes, que apresentaram nas suas

7) Edição Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1930.

8) Edição da Sociedade Capistrano de Abreu, revista, anotada e prefaciada por José Honório Rodrigues, Rio de Janeiro, 1954.

9) São Paulo, 1924-1950. 11 vols.

10) Rio de Janeiro, 1939-1943. 15 vols.

A Evolução do Povo Brasileiro, (11) a *Formação do Brasil Contemporâneo* (12) e a *História Econômica do Brasil.* (13)

É difícil negar o fastio atual, e, para vencê-lo, o remédio não consiste na crítica ao leitor, ao crítico, ou ao público em geral. Lê-se menos história (14) e menos se apreciam seus resultados. A solução consiste na própria reforma da nossa disciplina, pela sua aproximação aos problemas e temas atuais, pela superação da fase puramente descritiva, pela sua teorização, pela sua generalização e pela criação de novos métodos. Êstes são os princípios renovadores que advogava Othmar Anderle, em 1958. Mas, antes de chegarmos a essa fase, devemos notar que de 1945 em diante o Mundo e o Brasil se viram diante de uma reviravolta profunda. O processo histórico mundial da libertação da Ásia e da África do domínio europeu, a grande mudança da preponderância dos povos europeus pelos não europeus e a consciência do subdesenvolvimento da América, Ásia e África representam um "turning point" na história universal.

O princípio das Nações Unidas de que os povos tinham direito ao desenvolvimento econômico e social não fêz senão reconhecer a situação de fato e despertar a luta pela superação do subdesenvolvimento e da libertação econômica. No Brasil, como em tôda parte, o nacionalismo tem sido o grande instrumento desta transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento. Mas a consciência do subdesenvolvimento veio acompanhada da consciência do gigantismo das tarefas e da insuficiência dos meios. Daí a idéia da aceleração histórica para que tudo se fizesse depressa, a fim de ganhar o tempo cultural e econômico, perdido com os atrasos coloniais e o lento progresso imperial. Mas essa aceleração se quer fazer sem revolução ou guerras, embora essas tenham sido as formas normais de comportamento popular para ganhar o tempo sócio-histórico perdido, com as minorias dominadoras infecundas. Como disse Toynbee, tôdas as revoluções são atos retardados e violentos de imitação. Uma sociedade que não conseguir atingir certo grau de desenvolvimento recorre a atos desesperados para ganhá-lo. Mas a aceleração da história universal já não é de hoje. Já Miche-

11) Companhia Editôra Nacional, Brasiliana, vol. 10, 2ª ed., São Paulo, 1933.

12) São Paulo, Livraria Martins, 1942.

13) São Paulo, Editôra Brasiliense, 1945.

14) Dos 4.659 livros produzidos no Brasil, em 1957, só 366 foram de Geografia e História e Biografia, sendo maior a produção de ciências sociais, seguida da literatura (821) e ocupando a História o quinto lugar. **Anuário Estatístico,** Rio, 1959. Das estatísticas fornecidas pela Biblioteca Nacional, se vê que os livros de Geografia e História, que ocupavam o primeiro lugar em 1952, passaram para o quinto em 1953, firmando-se em terceiro, em 1954. Dados do IBGE, divulgados na Fôlha da Manhã (São Paulo), 17 de dezembro de 1955.

let, em 1872, na *Histoire du XIX siècle*, (15) notava que um dos fatos mais graves e menos observados é a marcha do tempo que mudou. Dobrou de maneira estranha. O mundo tinha mudado mais em cem anos, dirão os contemporâneos do historiador francês, como observou Daniel Halevy, (16) que em 30 séculos, de Ciro a Luís XVI. A mudança cultural se apressa ou retarda, em índices alternativos de variabilidade ou pela revolução ou pelo encontro de civilizações. Já tivemos fases de retardamento e de apressuramento na Colônia, no Império e na República, antes dos enormes índices de crescimento econômico que se notam depois de 1939 e especialmente de 1950 em diante.

Quando, pois, o Presidente Juscelino Kubitschek fala em ganhar 50 anos em 5, o que quer é ganhar o ritmo da aceleração progressiva no curso da nossa história. Desde que o tempo é da essência do seu problema, sua política só se justificaria pelo sucesso de fazer transformar um país subdesenvolvido num desenvolvido. Daí o apêlo pelo esfôrço de aceleração econômica; mas é preciso não esquecer que Roma conquistou o mundo em 50 anos.

Esta concepção herodiana e oportunista tem que tentar realizar uma adaptação além do compasso normal da capacidade comum de adaptação do povo e promover o equilíbrio paralelo no ritmo de aceleração econômica e cultural, sem esquecer a lentidão e a pressa que caracterizam o Brasil novo e o Brasil arcaico, o Sul e o Norte, zonas urbanas e rurais.

Assim, êsse novo processo acelerado de nossa história atende menos às fôrças que se escondem atrás das instituições, da tradição e da continuidade histórica, do que as étnicas e ambientais, nacionais e universais. A peculiaridade das condições específicas universais, menos européias que americano-africano-orientais, e das brasileiras consiste em ter de se adaptar às mudanças do povo e ao desafio de dominar o nosso continente, cruzando as fronteiras móveis, vencendo as florestas, enfrentando os reptos naturais e econômicos, dominando os restos coloniais, promovendo a adaptação psicológica aos avançados processos tecnológicos, assaltando o bastião do analfabetismo e educando mais de 30 milhões de jovens.

Não se pode, assim, subestimar os serviços que a causa do desenvolvimento econômico brasileiro prestará à locomotiva da história, como denominou Trotzky o movimento soviético. Mas, já não se trata mais de locomotiva; a linha política atual quer correr em velocidade de jato, mesmo que seja à custa de enormes sacrifícios das atuais gerações.

A verdade é que a superação do subdesenvolvimento exige um

15) Inacabada, até 1815, Paris, 1872.

16) Essai sur l'Accélération de l'Histoire, Paris, 1948, pág. 10.

espírito de desenvolvimento, como a criação do capitalismo demandou, como mostrou Max Weber, um espírito do capitalismo. Ao gigantismo das tarefas, à insuficiência dos recursos e à debilidade das elites dirigentes ou dominadoras se contrapõe o infantilismo da população, com mais de 50% de zero a 14 anos de idade e a grande maioria dos estudantes em idade escolar primária.

Portanto, ao lado das próprias tarefas da superação do subdesenvolvimento alia-se o problema do crescimento educacional, evitando a barbarização e fomentando o nascimento de um espírito correlato. E tudo isso a ser feito por uma aceleração histórica, à velocidade de jato.

Acreditemos ou não na possibilidade dos seus resultados, na fôrça irruptiva dessa decisão programática, a verdade é que só quando se quer tudo se atinge o fim, como disse Hans Freyer. (17)

Êste movimento não só para se legitimar como para se realizar terá que acordar e reunir tôdas as iniciativas, sem distinções partidárias e em todos os quadros da cultura brasileira, interdisciplinarmente.

Se em 1930 o movimento revolucionário despertou um grande esfôrço de autocognose do Brasil e dos brasileiros, em parte empalidecido pelo especialismo erudito e pelo descompasso entre as perguntas do presente e as respostas do passado, o novo processo histórico, que se inicia em 1945, e que atinge atualmente um vigor expressivo, não encontrou sequer a menor iniciativa da historiografia brasileira. Não se trata de querer transformar a história em disciplina pragmática, nem de eliminar a investigação desinteressada, e muito menos de fazer, o de que também precisamos, história contemporânea. Trata-se de responder às perguntas concretas que o processo histórico levanta, pois cada geração deve escrever a sua história e especialmente por isso ela é escrita. Responder ao presente não significa escrever sôbre o presente, mas escrever sôbre aquêles temas que interessam ao presente, porque se não o fazem os historiadores cuidadosos, sabedores e altamente treinados, os inescrupulosos e desqualificados o farão por êles.

Alexandre e César são muito mais contemporâneos que Demóstenes ou Cícero; o estudo de 1822 e os anos da Independência ensinam mais que os primeiros anos do govêrno civil da primeira República, que estão tão mortos quanto Lloyd George ou Bismarck.

As radicais mudanças do processo histórico provocam ou eliminam o interêsse com que se volta a pensar ó passado e a ressuscitá-lo. Neste sentido, foi pouco o que se fêz depois de 1930, até chegarmos à nota de desencanto sôbre as possibilidades da história na tentativa de com-

17) **Das Geschichtliche Selbstbewusstsein des 20. Jahrhunderts, 2ª ed., Leipzig, 1938, pág. 22.**

preensão e integração nacionais. Na segunda fase de crescimento, de 1945 em diante, a historiografia omite-se e sua voz torna-se a voz do silêncio, a conversa erudita sôbre os mortos que não ressuscitam, como se ela só contivesse a nêmese da creatividade e não a fertilidade das chamadas elites, as regenerações, as derrotas do arcaísmo, as vitórias do futurismo e do progresso.

Reescrevê-la não significa só reinterpretá-la de acôrdo com teorias, pois o que se quer não são só as teorias, mas os fatos que iluminem o presente, os temas que respondam às inquietações presentes. Com ou sem teorias, a historiografia brasileira se diversifica em várias tendências, expressões mais antigas ou novas do escrito e do pensamento histórico. Mas, no fundo, tôdas ou quase tôdas não renovam seus problemas factuais e concretos.

A historiografia "antiqüária" tem como modêlo as antiqüalhas e memórias de Vieira Fazenda, (18) e, como o reumatismo, ela sofre de várias curas e tem várias causas, de que seria ocioso tratar aqui. Quando Karl Marx (19) falou numa história como "coleção de fatos mortos", talvez pensasse nesta forma de historiografia, que reúne as minúcias da história, os restos pitorescos, como um armarinho de miudezas. Ela serve para reconstituições e satisfaz aos sentimentos de insegurança dos que sonham com o passado e mantêm sempre uma atitude passiva ou contemplativa diante do presente. Irmã gêmea no capitulacionismo, é também a historiografia discursiva, oratória, galante, ornada, cuja visão comum da vida nacional é sempre rósea, como a de um viajante que vê o panorama do pára-brisa de um carro de passeio. Ela é a responsável pela omissão do povo na história, pela nostalgia do passado. Ela suaviza os receios presentes, apóia as esperanças, justifica as crenças e se recusa sempre a julgar as responsabilidades das classes dominantes. Ela se refugia no brilho das condecorações acadêmicas, honoríficas e universitárias e se apaixona pelo julgamento dos presentes, com os quais quer sempre estar "bem". Esta historiografia despreza os arquivos e bibliotecas e se nutre na audição e no olfato. É a historiografia olfativa, de que falava Huizinga. (20)

---

18) Vieira Fazenda, autor das "Memórias e Antiqüalhas do Rio de Janeiro" in Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomos 86, 88, 89, 93 e 95 (1919-1923), foi um dos mais sérios investigadores da história da cidade do Rio de Janeiro. Embora não seja o iniciador dêste gênero historiográfico, foi extremando seu modêlo que se chegou a êsse tipo ainda hoje cultivado especialmente por historiadores locais e regionais

19) "Ideologie Allemande", in Oeuvres Philosophiques, t IV, Paris, A. Costes, 1953, pág. 159.

20) El Concepto de la Historia y otros Ensayos, México, Fondo de Cultura Economica, 1946, pág. 48.

A historiografia biográfica tem sido também capitulacionista porque sua imagem é a das classes dominantes, das personalidades dirigentes, nem sempre verdadeiramente criadoras e fertilizadoras do nosso processo histórico, antes auto-servindo-se do que desservindo. Historiografia superestrutural, ela esquece e omite, quando não despreza o povo, as massas populares, livres ou escravas, capadas ou sangradas da nossa história. Mesmo que não se aceitem as hipóteses marxistas, feitas para o exame de uma economia e uma sociedade européias do século XIX, e não se queira reconhecer, com o historiador soviético Siderov, (21) que o problema fundamental da ciência histórica contemporânea é o papel das massas na história, não se pode reduzir a história a uma simples descrição dos conquistadores, dos monarcas, dos grandes capitães e personalidades. Mas, talvez se possa dizer que esta corrente, juntamente com a revisionista factual, é a que maior contribuição vem trazendo ao conhecimento da história política e geral brasileira. A obra de Otávio Tarquínio de Sousa, Afonso Arinos, Luís Viana e José Antônio Soares de Souza (22) tem representado um exame profundo da nossa tradição política e, ao mesmo tempo, uma visão equilibrada entre a personalização da história e o exagêro da ênfase sôbre as fôrças impessoais que solapam nosso senso de responsabilidade pessoal.

O revisionismo existe sempre e não é novidade da nossa historiografia. Já escrevi, ao analisar a obra de Taunay, que o moderno revisionismo histórico, quer em sua corrente ideológica, quer em sua diretriz factual, se prende a Capistrano de Abreu, que é o verdadeiro renovador da historiografia brasileira. O revisionismo histórico factual tem por fim principal rever os grandes quadros históricos já construídos, corrigindo, acertando, acrescentando, atualizando. Seus maiores representantes na época atual foram Afonso Taunay e Rodolfo Garcia, o primeiro se caracterizando pela construção e ampliação das lacunas e deficiências, de que resultou a criação de um mundo histórico novo,

---

21) **Les Problèmes Fondamentaux de la Science Historique Sovietique**, Moscou, 1955, págs. 73 e 74.

22) Otávio Tarquínio de Souza, **Bernardo Pereira de Vasconcelos e seu tempo**, Rio de Janeiro, 1937; **Evaristo da Veiga**, Rio de Janeiro, 1939; **Diogo Antônio Feijó**, Rio de Janeiro, 1942; **José Bonifácio**, Rio de Janeiro, 1945; **A Vida de D. Pedro I**, Rio de Janeiro, 1952, 3 vols.; Afonso Arinos de Melo Franco, **Um Estadista da República (Afrânio de Melo Franco e seu tempo)**, Rio de Janeiro, 1955, 3 vols.; Luís Viana Filho, **A Vida de Rui Barbosa**, São Paulo, 1949; **A Vida de Joaquim Nabuco**, São Paulo, 1952; **A Vida de Rio Branco**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959; J. A. Soares de Souza, **A Vida do Visconde do Uruguai**, São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1944; **Um diplomata do Império**, idem, idem, 1952; **Honório Hermeto no Rio da Prata**, idem, idem, 1959.

como o são as Bandeiras, e o outro pela emenda, rica de minúcias eruditas que ratificam e corrigem com exemplar perfeição os erros e desacertos anteriores. Só o revisionismo factual, sem inspirações ideológicas ou teóricas, mas simplesmente reconstrutor dos fatos, mal estabelecidos ou desconhecidos, desde os "petits faits", de Taine, até os fatos "of the highest order" das civilizações de Toynbee, pode verificar que a tradição é um tapête rasgado e distinguir as peças novamente fabricadas do verdadeiro tapête persa. (23)

A grande equipe dos historiadores brasileiros concentra-se nesta linha e, assim, com a personalização da história, defendida pelos biógrafos, se destaca e se estabelece o mundo dos fatos e das pessoas. (24)

O revisionismo ideológico tem outras aspirações; êle almeja realizar aquela grande diretriz que Capistrano (25) formulou na sua crítica a Varnhagen. A princípio, êle definiu o factualismo ao dizer que o sorocabano poderia escavar documentos, demonstrar-lhes a autenticidade, solver enigmas, desvendar mistérios, nada deixar que fazer aos seus sucessores no terreno dos fatos. E, depois, expõe a superação factual, escrevendo: "compreender, porém, tais fatos em suas origens, em sua ligação com fatos mais amplos e radicais de que dimanam; generalizar as ações e formular-lhes a teoria; representá-las como conseqüências e demonstração de duas ou três leis basilares, não conseguiu, nem consegui-lo-ia". Estas palavras, escritas em 1878, conservam até hoje sua modernidade, até na precisão do uso dos conceitos compreender e generalizar, reivindicações da mais moderna teoria histórica.

Esperava Capistrano que "alguém, iniciado no movimento do pensar contemporâneo, conhecedor dos métodos novos e dos instrumentos poderosos que a ciência põe à disposição de seus adeptos, eleve o edifício, cujos elementos reuniu o Visconde de Pôrto Seguro". Estava

23) Reinhard Wittram, "Das Faktum und der Mensch", in **Historische Zeitschrift**, Feb., 1958, págs. 57 e 59.

24) Convém advertir que o revisionismo de que tratamos nada tem a ver com a chamada jornada revisionista, promovida recentemente, em São Paulo, que pretende sustentar que o Brasil não foi colônia só porque lhe deram, desde o princípio, o nome de Estado. Marcondes de Souza deu resposta adequada e objetiva — embora ainda haja o que acrescentar a esta confusão entre o nome e o uso do objeto, que parece refletir um complexo de inferioridade dos seus autores. Cf. **A Monomania invade o campo sereno da História**, São Paulo, 1958.

25) "Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen", publicado no **Jornal do Comércio** (Rio de Janeiro), de 16 e 20 de dezembro de 1878, e reproduzido in **História Geral do Brasil**, de F. A. de Varnhagen, 3ª ed. integral, São Paulo, sem data, I, 507.

Capistrano de Abreu, nessa época, influenciado pelo positivismo de Comte e Spencer, do qual se libertaria mais tarde, por considerá-lo "uma camisa de fôrça". A evolução do seu espírito levou-o a outros caminhos, ao realismo histórico, de que já tratamos na conferência que sôbre êle pronunciamos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1953. (26) Sua linha ideológica tornou-se eclética, recebendo e assimilando os influxos teóricos de várias correntes de pensamento. Ainda em 1882, (27) ao escrever sua nova crítica a Varnhagen, Capistrano, depois de apontar e aprovar o adiantamento dos estudos históricos, de caráter monográfico e factual, observava que "quando todos êstes trabalhos estiverem terminados; quando outros muitos se lhe tiverem reunido; quando um espírito superior insuflar a vida e o movimento na massa informe, Varnhagen descerá do seu pedestal". Não desceu até hoie e Capistrano subiu, para, ao seu lado, continuar, como o mestre, o guia, o senhor. O movimento ideológico na historiografia brasileira tanto se caracteriza por essa linha eclética, que aceita a colaboração de teorias das várias disciplinas sociais, como pela linha unitária. A primeira pode ser exemplificada pela interpretação culturalista, que guia os trabalhos de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, ambos pioneiros da compreensão cultural dos fatos históricos, ambos renovadores na seleção factual e na análise da cultura pela aplicação de novos instrumentos, vindos da antropologia, da sociologia e da psicologia, normal ou patológica. Ambos representam, com suas obras, as mais positivas contribuições do movimento da historiografia após 1930, uma nova visão da história brasileira, adaptada às novas perspectivas da situação brasileira.

Poucos terão respondido tão bem às exigências do seu presente, do nosso presente, restaurando as conexões culturais entre o passado e a atualidade. *Casa Grande & Senzala* (1934), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Raízes do Brasil* (1936) são obras definitivas no quadro da historiografia brasileira dêste século, pela marcada originalidade da pesquisa criadora dos fatos e pela fôrça da análise integradora das conexões íntimas, estruturais e superestruturais e das seqüências dos períodos característicos. Nem o pecado da generalização excessiva do primeiro, nem o descaminho pela miudeza do segundo conseguem limitar a significativa importância de seus trabalhos.

A linha teórica unitária se expressa ou pelo usado e gasto positivismo do fim do Império e do princípio da República, logo abandonado

26) "Capistrano e a historiografia brasileira", **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, 1953, vol 221, 120-138.

27) "Appenso sôbre o Visconde de Pôrto Seguro", publicado na **Gazeta de Notícias** (Rio de Janeiro), de 21, 22 e 23 de novembro de 1882, e reproduzido in **Historia Geral do Brasil**, ob. cit., III, 444.

ou desprezado pelos historiadores, mas responsável, através dos documentos deixados pela Igreja Positivista, e pelo seu chefe Miguel Lemos, por muitos equívocos da história da República, ou pela diretriz marxista, que tem em Caio Prado Jr. o seu mais ativo e militante representante. Seus livros, tanto a *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942), como a *História Econômica do Brasil* (1945), embora sejam escritos *non ad narrandum sed ad probandum,* representam um exame crítico da evolução histórica da nossa estrutura econômica e das idéias sociais com ela relacionadas. O primeiro é uma análise mais importante, pela originalidade da pesquisa e documentação e pelo interêsse em surpreender o sentido da evolução, vista em tôda sua totalidade nacional, sem menosprezar características regionais e as pequenas economias de consumo, tão freqüentemente esquecidas. O segundo é a melhor síntese de nossa história econômica, apesar do facciosismo da interpretação. Seus estudos, êste e os demais, se aliam aos da corrente culturalista, no interêsse pelo presente, que deve prevalecer no estudo da história e se desliga, pelo sentido radical anti-espiritualista, pela derivação do mundo ideológico das necessidades materiais, pela representação quase exclusiva da estrutura e do processo do desenvolvimento prático do homem, e ainda pela manifesta compaixão pelos deserdados, vítimas da evolução social moderna. Aqui o povo aparece, mais que em outras histórias, e menos do que se devia esperar, simplesmente pelas dificuldades da documentação disponível ou pela falta de exame de fontes mais ricas de sugestões. Também a estrutura do real econômico é vista muito mais na sua generalidade global e estatal que nas particularidades das grandes firmas, dos grandes negócios, dos grandes senhores e de suas iniciativas e dos processos de acumulação e perda do capital, tão freqüentes nas conjunturas e na periodicidade de nossas crises, pois temos crescido aos saltos intervalares de crises. Nem se nota — como era de esperar, melhor exame da história do trabalhador nacional, escravo e livre, colono e imigrante.

Não se poderia tratar ainda de uma tendência desenvolvimentista, que surgiu nestes últimos anos, ligada à atual orientação política dominante, que é mais oportunista que realista, mais conjuntural que estrutural. Ela quer se aproveitar da oportunidade psicológica do despertar da consciência da nossa insuficiência para impor sua decisão e afetar a estrutura, ajudando a promover o desenvolvimento. Mas, para isso, ela quer criar um novo grupo intelectual de ideólogos, que seriam os fabricantes ou o conselho dos guardiães do nosso processo histórico atual. Na verdade, êles não se preocupam com a possível influência ativa da história anterior sôbre a atual, nem com os resíduos do passado no presente. Por isso, sua ocupação é infantilmente centralizada no processo histórico atual, desligado de qualquer conexão ou seqüência com os fatos e as idéias de ontem. O mundo nasceu com êles, que

querem ser os pensadores ou os ideólogos ativos de uma classe que êles tentam cindir ou querem cindir para impor o seu cancã filosófico. Êstes jovens ideólogos vivem numa eterna luta entre suas pretensas teorias destinadas a abalar o mundo e a conquista de altas posições de mando, com que se fortalecem materialmente. No fundo, querem formar uma classe e combatem realmente, como disse Marx, dos jovens hegelianos, pró e contra frases e *slogans*: "êles se esquecem, simplesmente, que a essas frases se opõem outras frases e que não se combate realmente o mundo existente se só se combatem as frases dêsse mundo". Tôdas as suas análises são conjunturais e não estruturais; vêem as aparências sensíveis, mas não a realidade profunda. A revolução que pretendem fazer é uma luta mundial, diante da qual a Revolução Francesa é um brinquedo de crianças e os combates dos sucessores de Alexandre, mesquinhos. Afinal, seu problema principal não consiste em interpretar a história, mas o processo histórico presente, para dêle se servirem.

Wagner, do *Fausto* de Goethe, gera, no laboratório à moda da Idade Média, o homúnculo. "Está perfeito, perfeito! Já mais clara vejo agitar-se a massa, e mais profunda se torna minha fé". "Que mais queremos nós, que mais o mundo?" Mas, Mefistófeles, como a História, dirá a Wagner, os ideólogos de hoje: "Quem viveu muito. Nada no mundo novo lhe parece." E Wagner, inquieto, há de ouvir o criado, o homúnculo dizer-lhe que fique em casa para tentar mais alta emprêsa: "Medita bem o Quê, medita o Como", e "o ponto sôbre o i talvez eu ache." (28) Assim são êsses homens, que se tornam dependentes daqueles a quem deram a existência. Conseguem ouro, honras, fama e larga vida, mas não sei se conseguem virtude e ciência.

As tendências atuais da historiografia brasileira representam, assim, tôdas aquelas visões que o mundo, como totalidade, contém; sua insuficiência não consiste na imitação européia, pois a história nacional é parte da história universal, embora ofereça as peculiaridades étnicas e ambientais já referidas, e que devem ser consideradas como condições preliminares de qualquer processo de investigação e análise. Está especialmente, como já dissemos, na repetida temática e problemática. Uma historiografia que queira servir à sua geração deve restaurar, como disse Barraclough, a conexão entre o passado e o presente. Para isso ela tem que enfrentar as complexidades da hora, estudando temas novos ou revendo os temas antigos, não só à luz de diferentes teorias interpretativas, mas especialmente revelando o conteúdo mais significativo para as atuais gerações. O sistema de capitanias e da distribuição de terras não pode oferecer a perspectiva histórica da refor-

28) Cf. J. W. Goethe, Fausto, trad. de Agostinho D'Ornellas, nova edição de Paulo Quintela, Universidade de Coimbra, 1953, 325-332.

ma agrária? Quantos temas econômicos, sociais e políticos não poderiam ser vistos ou revistos, à luz desta idéia, de tornar a história uma fôrça viva? O parlamentarismo e o presidencialismo, o federalismo e a centralização, a história do comércio, dos transportes e da agricultura, a circulação monetária e as emissões, as idéias sociais, a liderança e os partidos, a opinião e o sentimento públicos, as correntes partidárias, a organização dos negócios, a história das firmas e da iniciativa empreendedora, da indústria e do trabalho, dos sindicatos, a soberania dividida pelos grupos de pressão, a organização nacional, o nacionalismo, o subdesenvolvimento, as condições e relações da vida internacional, o pan-americanismo diante da abundância econômica e do subdesenvolvimento. É preciso não esquecer que a história contemporânea precisa ser escrita pelos historiadores brasileiros, que dela se omitem, deixando-a entregue aos cronistas e comentadores dos jornais. Ao lado dêstes pode e deve haver uma história da atualidade, feita com os mesmos métodos da história *post mortem*, embora apresente maiores dificuldades que esta. (29)

Impressionou-me muito, quando li a famosa obra de Karl Mannheim, *O homem e a sociedade numa era de reconstrução*, (30) primeiro publicada em alemão, em 1935, e traduzida para o inglês, em 1941, a defesa que êste sociólogo renovador de sua disciplina fazia da necessidade de escrever-se, ao lado da história *post mortem*, a história *in statu nascendi*, captada no ato mesmo de sua criação. A historiografia do século XIX a havia abandonado, embora assim houvesse ela nascido na Grécia. A mesma idéia eu a vi retomada posteriormente por dois grandes historiadores: Gerhard Ritter, (31) presidente da Associação Alemã de Historiadores, no discurso pronunciado em 1950, no encerramento do X Congresso Internacional de História, e Geoffrey Barraclough, autor de *History in a Changing World* (32) e substituto de Arnold Toynbee, no Royal Institute of International Affairs.

Ninguém duvida das extremas complicações que esta diretriz impõe, num dos perigos que oferece pôr a história no meio da gritaria política e da demagogia desenfreada. Muitos historiadores qualificados, profissionais ou não, consideram tal opinião heterodoxa. Mas, como disse o professor J. R. M. Butler, da Universidade de Cambridge, se há grandes e óbvias objeções à história contemporânea, há também

29) Man and Society in an Age of Reconstruction, New York; 1941.

30) "Leistungen, Probleme und Aufgaben der Internationalen Geschichtsschreibung zur neureren Geschichte (16-18 Jahrhundert)", in Relazioni, vol. VI, do X Congr. Int. de Scienze Storiche, Firenze, 1955, especialmente págs. 319 a 330.

31) The Present Need for History, Cambridge, 1949, pág. 19.

32) Resumimos aqui sua opinião expressa in "History, Morals and Politics", International Affairs, Janeiro de 1958.

grandes e óbvias atrações, e o mundo seria imensuràvelmente mais pobre se a história contemporânea não tivesse sido escrita.

A crença de que a história contemporânea difere de qualquer outra forma de conhecimento histórico baseia-se, diz Barraclough, (33) numa concepção ilusória do conhecimento histórico. Só num ponto a posição do historiador da atualidade difere da dos outros historiadores: é na reação que seu julgamento pode provocar.

Na verdade, o conflito entre a conveniência política, a verdade histórica e a atitude política do público nas questões históricas atuais é que torna mais difícil a posição do historiador da história contemporânea. Não se deve criticar essa atitude, pois todo cidadão tem o direito e mesmo o dever de formular suas opiniões e criticar a dos outros, tanto quanto elas afetem a ação política. Mas, deve-se evitar, com todo cuidado, confundir a posição do historiador e a do cidadão. O meu julgamento histórico e o meu julgamento político podem variar; de qualquer modo, êles estão concentrados sôbre diferentes coisas. O cidadão preocupado com a ação política, hoje e amanhã, terá, na sua atitude em relação ao passado recente, um ôlho no futuro, êle se preocupa em restabelecer o que em sua opinião foi feito errôneamente; êle pode ter razões políticas para recusar admitir que o que aconteceu passou irreparàvelmente. Mas esta não é a atitude do historiador, que se concentra sòmente no que aconteceu, como e por que. Êle não se preocupa com o que pode acontecer amanhã, por mais que, como cidadão, isso lhe seja de interêsse vital. A história não é do futuro, e o Padre Vieira foi dos profetas que acreditaram nisso.

O historiador não pretende confortar ninguém com as esperanças de amanhã, como fazem os políticos, e por isso provoca sempre amargas decepções. Se o historiador da vida contemporânea está fazendo seu trabalho corretamente, êle deve esperar fazer grandes inimigos pois não estará nem do lado do Govêrno nem da Oposição. De qualquer forma, o exercício da história contemporânea, apesar de suas dificuldades, apresentaria grandes vantagens: evitaria os erros e as inverdades da literatura oficial ou da reportagem irresponsável; apresentaria um retrato vivo dos problemas e da situação histórica da nação; e serviria à reelaboração histórica pelos historiadores futuros, como fontes primárias autênticas dos acontecimentos, que são as de que se utilizam os historiadores do passado. Por isso, têm razão os historiadores soviéticos, quando dizem, como Siderov, que nas pesquisas sôbre história contemporânea devemos concentrar nossa atenção não sôbre os acontecimentos e os fatos superficiais, acontecimentos de conjuntura,

33) Vide José Honório Rodrigues, "Vieira, doutrinador do Imperialismo Português", Verbum (Rio de Janeiro), setembro de 1958.

— tarefa de cronistas, sociais ou não, do "café society" —, mas sôbre os problemas de fundo, que determinam o desenvolvimento social.

Mas não são só êstes os problemas que defronta a historiografia brasileira, nesta etapa da ultrapassagem do subdesenvolvimento. Para uma visão mais larga da história, como pleiteia Barraclough, que corresponda a êste tempo histórico, importa promover primeiro a teorização da disciplina, pleiteada pelo professor Othmar Anderle, do Instituto de História Européia de Maiença, e pioneiramente favorecida pela criação da cadeira de Teoria da História, na Universidade de Amsterdam. (34) É indispensável também que caminhemos para as sínteses, que possam ser lidas por todos, evitando que a história continue uma conversa entre eruditos, a que ficou reduzida pelos excessos da super-especialização, ou que simples *claqueurs,* despidos de qualificações metodológicas e teóricas, propagandistas e amadores, contribuam para seu descrédito público. É preciso ainda evitar a fossilização, o ultra-conservadorismo, a estultícia de certas instituições públicas, oficiais ou não, que transformam a história num túmulo, embora não falte quem delas se queira servir para cultivar e alimentar um tradicionalismo nostálgico, estéril e passivo, traste imprestável nesta hora de superação do Brasil arcaico pelo novo.

São muito poucas as instituições que, como o Instituto do Ceará, o Centro de Estudos Baianos, o Seminário de Estudos Mineiros e o Curso de Fundamentos da Cultura Riograndense, da Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul, promovem e estimulam verdadeiros centros regionais de pesquisa histórica, tão úteis para o conhecimento de uma cultura de tão variados aspectos e tão gigantesca, como é a do Brasil. Nada, porém, teria tanta importância como a criação de um Centro Brasileiro de Pesquisas Históricas (35) que, à semelhança de instituições congêneres mundiais e nacionais, promovesse a pesquisa histórica e formasse pesquisadores históricos.

É preciso reformar o ensino superior da História, que não pode desconhecer as novas fôrças não européias do mundo, a China, a Índia, o Médio e o Extremo Oriente, a África, nem conhecer tão superficialmente os poderes mundiais, como os Estados Unidos da América e a União Soviética, o primeiro dos quais deveria constituir matéria de uma disciplina autônoma na Universidade, ao lado do estudo especial da América Hispano-Americana. Que será das gerações futuras brasileiras — e a mocidade escolar e universitária constitui a maioria da nação, se amanhã continuarem como crianças que desconhecem perigosamente a atual distribuição do poder e as fôrças que realmente ope-

34) Vide Jan Romein, **Theoretische Geschiedenis**, Groningen, J. B. Woulters, 1946.

35) O Autor defende essa idéia desde 1950. Vide **A Pesquisa Histórica no Brasil**, Rio de Janeiro, 1952.

ram no mundo em que vivemos? A míope divisão da história em antiga, medieval, moderna e contemporânea e da América, em que se concentra o ensino da história, desserve e desprepara as gerações e inocula um falso senso de continuidade e uma visão errada da preponderância européia, continente cujo destino se forja hoje também fora dos seus limites.

Assim como o futuro da Europa se relaciona cada vez mais com os povos mais europeizados — entre êstes a América tôda se destaca — assim também o porvir dos povos antes dominados pela Europa depende hoje em grande parte dos dois novos gigantes do Poder, os Estados Unidos e a União Soviética. A dependência impõe a visão de um quadro histórico-universal, pois produzimos história nacional e consumimos história universal.

Nunca poderíamos nos dar ao desplante de ensinar uma lição tão ingênua e vaga do processo da transformação histórica do mundo e da própria continuidade histórica, fazendo que nossa juventude réceba injeções fortíssimas de medievalismo e não aprenda como se formaram os grandes Poderes Universais e as novas fôrças que se criaram, libertadas dos beneficiários do *statu quo*, depois da grande guerra mundial.

A liberalização do currículo é, assim, indispensável para que a juventude não seja tão mal informada da própria criação histórica de sua época e se prepare também para acompanhar o processo da superação do subdesenvolvimento e da possível e futura transformação da nossa atividade em atividade universal. Porque, sem espírito de desenvolvimento, não há desenvolvimento, como sem espírito de capitalismo não se teria formado o capitalismo. Também sem espírito universal não há poder universal. As sobrevivências coloniais — ainda hoje as vemos nos fogos juninos e nas feiras, a falta de educação básica e de formação profissional, a pequena elite, mal empregada, "the wrong man in the wrong place", dificultam e entravam a marcha do nosso desenvolvimento e da nossa transformação de consumidor em produtor da história.

A história não pertence, como escreveu Churchill, (36) a outra geração. A história pertence à nossa própria geração, porque não só como lembrou Capistrano (37) temos de arrancar "das entranhas do passado o segrêdo angustioso do presente", para servi-lo, como, ao contrário do que disse Mommsen, "history begins with the present", e sempre começa de novo no presente, com a nova geração.

---

36) **The Second World War**, vol. 1. **The Gathering Storm**, London, Cassell & Co., 1949, 2nd. ed., pág. IX, "I do not describe it as history, for that belongs to another generation".

37) "Necrológio", cit., pág. 508.